

A SILABIFICAÇÃO DE BASE EM PORTUGUÊS¹

Maria Helena Mira Mateus
Faculdade de Letras da UL
ILTEC

Resumo

A proposta de silabificação de base procura determinar como é atribuída a estrutura silábica às representações lexicais (i.e., às representações subjacentes) em Português. Considerando os dados do nível fonético e tendo presentes o Princípio de Sonoridade e a Condição de Dissemelhança tentativamente estabelecida para o Português, formulam-se regras de associação dos segmentos das representações lexicais com os constituintes silábicos. No quadro teórico adoptado e com base em evidências empíricas, propõe-se também a criação de núcleos e ataques vazios que justificam a existência, a nível fonético, de violações de princípios gerais e estabelecem uma relação entre as duas variedades do Português.

1. Introdução

Nesta comunicação parto do pressuposto de que a divisão silábica não está especificada nas representações lexicais mas resulta da aplicação de mecanismos que constituem o processo de silabificação de base.

A proposta que apresento insere-se no quadro teórico que considera a sílaba um *objecto multidimensional*, com uma organização hierárquica interna em que o Ataque (A) e a Rima (R) constituem uma *estrutura ramificada binária*. O comportamento independente destes dois constituintes da sílaba tem evidência empírica (por exemplo, os segmentos incluídos no ataque são irrelevantes relativamente ao número

¹ A proposta de silabificação de base aqui apresentada beneficiou da discussão que, sobre esta questão, tive com os meus colegas Ernesto Andrade e Maria do Céu Viana a quem agradeço as sugestões feitas

máximo de segmentos permitido pela rima). Por outro lado, o conceito de estrutura ramificada é suportado pela coesão interna entre os elementos que pertencem a cada um dos constituintes (por exemplo, certos grupos de segmentos são legitimados como ataques de sílabas, e os elementos que constituem a rima estão sujeitos, em conjunto, a certas restrições). A subdivisão da rima em Núcleo (N) e Coda (C) não apresenta a mesma evidência e não é totalmente consensual; no entanto a utilização desta subdivisão revela-se por vezes vantajosa, razão por que farei referência explícita a esses constituintes quando o julgar necessário.

No mesmo enquadramento teórico se postula que cada constituinte da sílaba está associado a uma posição do esqueleto (ou a duas, se ramificar), posições essas representadas por um X. Entende-se por esqueleto, numa perspectiva autossegmental, uma fiada ('tier' ou 'central core') constituída por uma sequência de unidades de tempo abstractas. A esta fiada estão igualmente associados os segmentos das representações lexicais. Sem entrar numa discussão teórica acerca da natureza desta e das demais fiadas autossegmentais (a que chamarei níveis) em que se inserem os constituintes silábicos, pode representar-se como segue a organização interna da sílaba que constitui a palavra *mar* :

(1)	σ			nível da sílaba
	o	r		nível da rima
	X	X	X	nível do esqueleto
	m	á	r	nível dos segmentos

2. Associação de segmentos com constituintes silábicos

Com o fim de determinar como é atribuída às palavras a estrutura silábica de base, assumo de início que cada segmento fonológico da representação lexical é associado a uma posição do esqueleto por aplicação de (2):

(2) Associação de segmentos

Associar cada um dos segmentos fonológicos a um X no nível do esqueleto.

As rimas das sílabas em Português tanto a nível fonético como fonológico têm sempre, como núcleo, uma vogal que pode ser seguida por uma semivogal (constituindo então um ditongo decrescente), o que quer dizer que consoantes ou semivogais fonológicas não constituem núcleo de sílaba e que todas as vogais fonológicas criam uma sílaba.

Relativamente aos outros constituintes silábicos, a análise do nível fonético do Português Europeu (PE) evidencia a existência de sequências de consoantes em ataque de sílaba quer em posição inicial quer medial. Os grupos constituídos por oclusivas e líquidas (como [pr] em *prato*, [br] em *branco*, [tl] em *atleta*) e pelas fricativas [f] e [v] precedendo líquidas (como [fr] em *frito* ou [vr] em *palavra*) estão de acordo com o Princípio de Sonoridade e com a Condição de Dissemelhança estabelecida para o Português. Outras sequências (como [pn] em *pneu*, [ft] em *afia*, [pt] em *captar*) violam os referidos princípios (cf. Mateus (1993) e Vigário e Falé (1993)). Tais sequências violadoras não são permitidas na silabificação de base em Português.

Esta afirmação pode ser provada com a apresentação de diversos argumentos empíricos, tais como erros ortográficos e erros da linguagem

infantil que mostram uma vogal inserida entre as duas consoantes (p.ex. **peneu* ou **afeta*), ou o aparecimento da mesma vogal quando um locutor 'naif' pronuncia lentamente as sílabas dessas palavras. Por outro lado, na linguagem infantil encontra-se frequentemente a supressão do segundo elemento em grupos de consoantes permitidos (p.ex. [pátu] em lugar de *prato* ou [bêku] em vez de *branco*) ao passo que essa supressão nunca se verifica em grupos não permitidos como os acima mencionados; pelo contrário, em outras línguas é o primeiro elemento, e não o segundo, que se perde neste tipo de sequências, como em Espanhol *neumático* ou na pronúncia de *psychology* em Inglês. Finalmente, as sequências não permitidas não ocorrem em Português Brasileiro (PB), já que, no nível fonético desta variedade, as duas consoantes pertencem a duas sílabas diferentes devido à inserção de uma vogal epentética, quase sempre um [i] (e.g. *pineu*, *afita*). Assumo, assim, que na silabificação de base não há sequências de consoantes em ataque de sílaba que violem o princípio de sonoridade e a condição de dissemelhança estabelecida para o Português.

Esta assunção impede também que as consoantes -s-, r e l - as únicas que podem ocupar uma posição de coda em Português - se juntem à consoante seguinte no mesmo ataque de sílaba. Existe de facto evidência suficiente para sustentar a hipótese de associação destas consoantes à coda na silabificação de base, já que

- elas são as únicas que terminam palavras no nível fonético;
- [r] nunca ocupa posição inicial na palavra e [l] nunca inicia uma palavra antecedendo outra consoante;
- [ʃ] e [ʒ], embora possam iniciar palavra no nível fonético do Português Europeu (p.ex. *esgotável*), são no entanto precedidas de uma

vogal a nível fonológico, como se prova em palavras como *inesgotável* com adjunção do prefixo *in*: a vogal subjacente de *esgotável* é o núcleo da primeira sílaba cuja rima domina a consoante *s* em posição de coda: com a junção do prefixo o autosegmento nasal preenche, no nível fonético, a posição de ataque que estava vazia, realizando-se como uma consoante nasal. Pelo contrário, se a palavra começasse por uma consoante que preenchesse o ataque (como, p.ex., *capaz*), o autosegmento nasal do prefixo associava-se ao núcleo realizando-se no nível fonético como um traço da vogal, o que sucede em *incapaz*.

Conclui-se assim que estas três consoantes são os únicos segmentos legitimados em posição de coda. Como na maioria das línguas, as consoantes permitidas em coda são um sub-conjunto (em Português, um pequeno sub-conjunto) das consoantes permitidas na primeira parte da sílaba.

Para o estabelecimento da silabificação de base tomo, portanto, como ponto de partida os princípios referidos e as restrições que apresentei para atribuição de ataques e de codas. Considero ainda o que foi dito sobre a correspondência entre vogais fonológicas e núcleos silábicos. Nestas circunstâncias, a forma mais adequada de construir a estrutura silábica em Português é a usualmente denominada *primeiro todos os núcleos* ('all nuclei first'), começando pela construção das rimas de acordo com as restrições da língua. Assim, a primeira regra a aplicar é a regra (3) que associa a um núcleo todos os X associados a um segmento [-silábico]. Além disso, como o núcleo pode incluir um ditongo decrescente existente na representação lexical, a segunda parte da regra integra os restantes [-consonânticos] no núcleo. A criação do núcleo silábico autoriza automaticamente a construção de uma rima.

(3) *Atribuição de núcleos*

(a) Associar a um núcleo todos os X [-silábicos].

(b) Juntar os restantes [+consonânticos] aos núcleos que se encontram à sua esquerda.

Veja-se a aplicação de (3) na primeira etapa da silabificação de base das palavras *prejtos* e *afã*.

(4) *Atribuição de núcleos em 'prejtos' e 'afã'*

R	R	R	R	Regra (3)
N	N	N	N	
X	X	X	X	
X	X	X	X	
p	r	e	j	t
o	s			
				a
				f
				t
				a

Após a aplicação de (3), a integração dos X [-consonânticos] na estrutura silábica implica a sua associação a ataques e codas. A parte (a) da regra (5) associa a um ataque de sílaba cada X [-consonântico] que preceda um núcleo: uma sequência de duas consoantes associa-se no mesmo ataque se essa sequência estiver de acordo com as restrições da língua. De entre os restantes [+consonânticos], *s*, *l*, *c* e *r* serão associados a codas pela parte (b) da mesma regra.

(5) *Atribuição de ataques e codas*

(a) Associar a um ataque cada X [+consonântico] que preceda um núcleo. Juntar no mesmo ataque um [-consonântico] que se encontre à esquerda se estiver de acordo com o Princípio de Sonoridade e com a Condição de Dissemelhança.

(b) Associar a uma coda os X [+consonânticos] se forem *-s/, l ou r*.

As restantes consoantes, quer iniciem palavras (como [p] em *pneu*) quer estejam em posição interna (como [f] em *afta*), não são associadas a nenhum constituinte da sílaba e portanto são consideradas extrassilábicas. Uma evidência empírica para a consideração da extrassilabidade de certas consoantes pode encontrar-se na aceitação de duas possibilidades de separação ortográfica em palavras como *afta*: *af-ta* ou *a-fta*.

Veja-se em (6) uma aplicação da regra (5).

(6) Atribuição de ataques e codas em *prejtos* e *afta*:

A	R	A	R	R	A	R	Regra (5)
		N	N	N		N	
X	X	X	X	X	X	X	
p	r	e	j	t	a	s	
					a	f	t
					a		

3. Núcleos e ataques vazios

A atribuição dos constituintes da sílaba em Português não fica terminada com a aplicação das regras (2), (3) e (5). A presença de

consoantes extrassilábicas desencadeia a introdução de uma *posição vazia do núcleo* à direita de cada uma delas (veja-se (7)). Uma segunda aplicação da regra (5) associa então a um ataque cada consoante que não tinha sido associada, visto que agora todas as consoantes precedem núcleos. A criação de um novo núcleo é portanto predizível pela existência de uma consoante extrassilábica.

(7) *Criação de núcleos vazios*

Atribuir uma posição N associada a um núcleo vazio à direita de um [+consonântico] extrassilábico.

Considere-se a aplicação de (7), seguida de uma segunda aplicação de (5), na silabificação de *af*t*a*.

(8) *Criação de um núcleo vazio na silabificação de af*t*a*

R R A R Regra (7)

N N N

X X X X X

a f t a

R A R A R Regra (5)

N N N

X X X X X

a f t a

Depois de determinada a associação das posições do esqueleto a rimas e ataques, *as representações subjacentes são divididas* ('parsed') *em sílabas sucessivas* que têm, obrigatoriamente, um núcleo e um ataque. O carácter obrigatório do núcleo é consensual para todas as línguas. A presença obrigatória do ataque é justificada em Português como veremos adiante. A construção das sílabas é estabelecida na regra (9).

(9) *Construção de sílabas*

Construir árvores binárias ramificadas da categoria sílaba, cujos ramos dominem uma sequência de ataque e rima. Se ficarem algumas rimas não associadas (soltas), elas serão associadas a uma árvore silábica com um ataque vazio.

A silabificação de base das representações lexicais de *prejtos* e *afta* fica completa depois de construídas as árvores silábicas.

(10) *Construção das sílabas de base de prejtos e afta*

σ	σ		σ	σ	σ	
A	R	AR		A	R	ARARAR
	N	NC		N	N	N
X	X	X	X	X	X	X
p	r	e	j	t	o	s
				a	f	t
						a

Regra (8)

Vemos assim que, quando existem nas representações lexicais vogais que não estão precedidas por consoantes - ou seja, quando as sílabas exibem apenas uma rima no nível fonético, como p.ex. a primeira sílaba de *afta* - a regra (9) cria padrões silábicos com posições vazias de ataque. Apresento a seguir uma evidência interessante que pode confirmar esta assunção.

As vogais subjacentes *e* e *ɛ* quando não acentuadas, em Português Europeu, são foneticamente [ə] entre consoantes e em final de palavra. No entanto, no início de palavra não existe [ə]: as referidas vogais subjacentes ocorrem como [i], [e] ou [ɛ] quer a rima não tenha coda quer a coda seja [r] ou [ʔ]. Podem ver-se exemplos em (11). O mesmo acontece com as vogais subjacentes *o* e *ɔ* quando não acentuadas, que ocorrem como [u] em todos os contextos excepto em posição inicial de palavra, em que existe uma variação entre [o] e [ɔ]. Em (12) encontram-se exemplos dessa variação.

(11) [i] - *elefante, educador, epentético*

{i} . [e] - *ermida, ervilha*

[e] [ɛ] - *erguer, hervanário*

(12) [o] . [ɔ] - *odalisca, ordinário, olvidar, ostentar*

Os exemplos de (11) e (12) mostram que, em Português Europeu, as vogais não acentuadas em posição inicial não se comportam como em outras posições, em que ocorre [ə] para as vogais subjacentes *e* e *ɛ* e [u] para *o* e *ɔ*. Este comportamento excepcional deve-se ao facto de

as sílabas iniciais de palavra possuem um ataque vazio: a posição vazia não permite a presença de um [ə]. Veja-se em (13) a representação de base da primeira sílaba de *ermida*.

(13) *Representação da sílaba inicial de 'ermida'*

σ		
O	R	
X	X	X
	e	r mide

Concluimos portanto que as sílabas subjacentes diferem crucialmente das sílabas que se encontram no nível fonético, nomeadamente no Português Europeu: por outro lado, o número de sílabas CV é obviamente mais elevado no nível fonológico. Esta conclusão a partir da hipótese formulada sobre a silabificação de base encontra reforço na verificação feita por Andrade e Viana (1993) e por Vigário e Falé (1993) de que, no nível fonético, as sílabas CV são as mais frequentes em Português.

Finalmente, a existência de núcleos vazios explicação pertinente para a diferença óbvia entre as sílabas fonéticas do Português Europeu e do Português Brasileiro: em PE o núcleo permanece vazio no nível fonético, ou seja, não é preenchido por nenhuma vogal, enquanto em PB ele é preenchido por uma vogal dita epentética, normalmente um [i]. Em consequência, encontram-se em PE sequências de consoantes em ataque silábico que violam princípios gerais e particulares da língua. Esta característica, reforçada pela supressão, no Português Europeu, de vogais fonológicas em posição interconsonantal (como em *depende*,

meter) é altamente responsável pelo que se considera uma distinção rítmica no nível fonético das duas variedades da língua.

Referências

ANDRADE, E. & M.C. VIANA (1993). Sinérese, diérese e estrutura silábica. *Actas do 9º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Coimbra.

M. ARONOFF & R. OEHRLE (eds.) *Language sound structure*. Cambridge, Mass.: MIT Press.

BASBOLL, H. (1988). Phonological theory. In F. Newmeyer (ed.) *Linguistics: the Cambridge survey*. Vol. 1. 192-215.

CLEMENTS, G.N. & S.J. KEYSER (1985). CV phonology: a generative theory of the syllable. Cambridge, Mass.: The MIT Press.

HARRIS, J.W. (1983) *Syllable Structure and Stress in Spanish*. Cambridge, Mass.: The MIT Press.

MATEUS, M.H.M. (1993). Onset of Portuguese Syllables and Rising Diphthongs. *Proceedings of the Workshop on Phonology*. Coimbra.

SELKIRK, E. (1984b). On the major class features and syllable theory. In M. ARONOFF & R. OEHRLE (eds.)

WIESE, R. (1994) *The Phonology of German*. Unpublished.

VIGARIO, M. & I. FALE (1993). A sílaba do Português Fundamental: uma descrição e algumas considerações de ordem teórica. *Actas do 9º Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Coimbra.